

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria; BERTOLDO, Ernesto Sérgio (Orgs.). (2003). *O desejo da teoria e a contingência da prática: discurso sobre e na sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras. 342 p.

*Beatriz Maria Eckert-Hoff**

O livro *O desejo da teoria e a contingência da prática: discurso sobre e na sala de aula*, organizado por Maria José Rodrigues Faria Coracini e Ernesto Sérgio Bertoldo, reúne textos que analisam discursos sobre e na sala de aula de língua materna e língua estrangeira, abordando questões teóricas e práticas, na busca da desconstrução da relação dicotômica teoria/prática, das noções que caracterizam essa relação como totalizante, sobrepondo o desejo de uma em detrimento da outra.

A obra se insere na perspectiva discursivo-desconstrutivista, que sustenta a noção de sujeito múltiplo, clivado, cindido, atravessado pelo inconsciente, cujo discurso, no vão desejo de controlar os sentidos, exhibe falhas, furos, desejos, ficando a linguagem entendida como opacidade, lugar do equívoco, do conflito. Constituindo-se na ilusão de ser origem de seu dizer, de tudo controlar, esse sujeito é flagrado pelo já-dito, pela memória discursiva, pela falta que lhe é constitutiva, pela ilusão de inteireza, de completude. É esse sujeito que os estudos que compõem esta obra assumem, isto é, “um sujeito que, ao significar, mergulha na contingência da disseminação dos sentidos que produz”.

* Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Doutoranda.

Dessa forma, ao problematizar a dicotomização da relação teoria/prática, os estudos desta obra mostram que não há práticas que não carreguem em seu bojo questões teóricas, nem teoria que não passe por um processo de transformação no contato com a prática. Por isso, ao invés de abordar ora a teoria ora a prática, os autores preferem falar de teoria e prática, entendendo essa relação como uma rede que se tece, complexa, heterogênea, (in)controlável e conflituosa.

Diante disso, os estudos evidenciam implicações metodológicas que permitem olhar os discursos sobre e na sala de aula como acontecimentos sócio-historicamente situados e ideologicamente constituídos e não como estruturas prontas, inquestionáveis, fixas. A problematização do discurso ? sobre e na sala de aula de língua materna e língua estrangeira ? possibilita enxergar a sala de aula além do espaço do devir, o que pode ser constatado no decorrer da obra, que se divide em quatro partes.

A primeira parte, intitulada “*Lingüística Aplicada: um campo em debate*”, lança um olhar panorâmico sobre a Lingüística Aplicada (LA).

Alastair Pennycook defende uma LA bem engajada politicamente, dando saltos teóricos extremamente importantes, em direção a abordagens críticas. O objetivo do autor não é construir um modelo de LA, mas abrir as portas para as múltiplas vozes, pesquisas, preocupações e atitudes de diferentes formas de realizar, mundialmente, a Lingüística Aplicada.

O texto de Amanda Eloina Scherer constitui um importante panorama da história da LA no Brasil, em suas múltiplas facetas, com base nos textos publicados pela revista *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, da Unicamp, que iniciou em 1983. Para apresentar o estado da arte da LA, a autora mostra que *a história se faz..., a memória se constitui... num movimento fundador... pelas ressonâncias fundadoras..., constituindo a memória na história de uma revista*. E ainda... mostra *a constituição do sujeito pelo discurso da revista..., a constituição do discurso pela formação do objeto na re-*

vista... e, em pontos de deriva... nos ensina que a compreensão das emergências e das transformações disciplinares mobiliza uma multiplicidade de parâmetros, mostrando o percurso apresentado como lugar de descoberta, como lugar de história de vida de uma comunidade acadêmica importante para o mundo do saber da e sobre a linguagem no contexto brasileiro, como construção do lugar de discurso de uma disciplina, pronto a ser recomeçado.

Nelson Bolognini Jr. revisita o processo metodológico da produção epistemológica da LA, a partir de textos de autoria de pesquisadores e mestrandos do Instituto dos Estudos da Linguagem da Unicamp, entre 1989 e 1995. Faz uma reflexão sobre o papel da metodologia qualitativa nas pesquisas em LA, apontando para a importância histórica desse procedimento antipositivista, em suas múltiplas faces. Seu estudo abre caminhos metodológicos que se incorporam ao discurso de pertinência descrito em Nietzsche e à prática genealógica de Foucault.

A segunda parte do livro *“De um discurso em Lingüística Aplicada: entre o desejo da teoria e a contingência da prática”* aponta para o lugar que a LA ocupa, para o espaço incômodo, híbrido, heterogêneo e, por isso talvez, pouco valorizado.

Integra a segunda parte, o texto de Maria José Rodrigues Faria Coracini que, após discutir noções de modernidade e pós-modernidade e suas implicações, problematiza a relação conflituosa entre (pós-)modernidade e ciência, para então abordar a constituição identitária do sujeito-pesquisador na LA, identidade essa que é fluida, escorrega entre o verdadeiro e o falso, entre o certo e o errado, entre o mesmo e o diferente.

Ernesto Sérgio Bertoldo, em seus três textos subseqüentes, mostra que a LA se apresenta como uma instância que detém o conhecimento sobre questões de ensino-aprendizagem, colocando-se como lugar de prescrição de uma verdade para o professor. Por não problematizar a relação teoria e prática, a LA dicotomiza essa relação e acaba por acirrar, entende o autor, uma verdade sem dar-

se conta de que a relação teoria e prática se constitui entre conflitos e contradições. Inicialmente o autor analisa a influência política de textos de autores brasileiros na divulgação de uma vertente da LA, que tem o intuito de solidificar a área como ciência. No segundo texto, o autor mostra a preocupação sobre os efeitos interdiscursivos dos textos em aulas de LA, em cursos de Letras. Em seu último texto, Bertoldo preocupa-se em problematizar a relação dicotômica entre teoria e prática que subjaz as aulas de LA ministradas em cursos de Licenciaturas.

A terceira parte do livro em questão “*Sobre o ensino de línguas: heterogeneidades e ideologias*” aborda trabalhos que problematizam temas recorrentes na LA, na perspectiva de sua relação com o ensino.

Essa parte inicia e finaliza com textos de Maria José Rodrigues Faria Coracini. No primeiro, rastreia o dizer da ciência, representado pela LA, dedicando suas investigações à formação do professor e às questões de ensino-aprendizagem de língua materna e estrangeira. Apresenta uma análise discursiva das representações de ciência nos livros didáticos e no dizer de alunos e professores sobre a língua e a cultura do outro, como forma de problematizar a constituição identitária do sujeito, apontando reincidências disso sobre o ensino-aprendizagem de línguas. No outro texto que constitui a terceira parte do livro, a autora mostra a preocupação em denunciar a forma como é escamoteada a heterogeneidade na área dos estudos aplicados, preocupados com o ensino de leitura e escrita em língua materna e estrangeira, bem como na própria sala de aula.

Constitui ainda a terceira parte, o artigo de Márcia Aparecida Amador Mascia, que problematiza a abordagem comunicativa do ensino-aprendizagem de língua estrangeira. A autora denuncia uma preocupação freqüente por parte dos lingüistas aplicados em perseguir um ensino ideal, sem atentar para a dimensão política da questão e sem considerar a perspectiva histórico-discursiva.

Edmundo Narracci Gasparini investiga a constituição do ato de ler textos em língua estrangeira, a partir da análise de segmentos de aulas ministradas pelo próprio autor, em uma instituição religiosa de Belo Horizonte / MG. O estudo desse autor problematiza a questão do bom e mau leitor e aponta para a noção de sujeito leitor ? desejante, compreendido na sua singularidade ?, evidenciando a impossibilidade do controle dos sentidos, já que de todo dizer irrompem desejos por vezes adormecidos, incontroláveis, assim como lapsos, atos falhos.

A quarta e última parte “(Cons)ciência e subjetividade: de alguns conceitos da lingüística aplicada e da sala de aula” compila textos que problematizam conceitos difundidos e operacionalizados pelos discursos da LA e da sala de aula.

Os dois textos de Maria José Rodrigues Faria Coracini, que integram essa última parte do livro, desconstróem dois termos muito utilizados: a noção de crítica e a noção de reflexão. O primeiro analisa a questão da consciência crítica em aulas de língua estrangeira e língua materna, tomando como pressuposto a noção de sujeito cindido, atravessado pelo inconsciente. A autora defende que só é possível falar em consciência da falta constitutiva, da impossibilidade do total controle das palavras e dos sentidos, da ilusão de inteireza, ilusão de verdade absoluta. No outro texto Coracini discute a preocupação por parte da LA com a formação do professor, incorrendo no conceito de professor reflexivo, ensino reflexivo. Para tal problematização, a autora analisa uma redação de um professor participante do concurso “O professor escreve sua história”, organizado pela Secretaria da Educação do estado de São Paulo, em 1986.

Elzira Yoko Uyeno problematiza os conceitos eficiência-eficácia, teoria-prática e competência-*performance* que permeiam o ensino de línguas. A autora analisa o discurso do professor em situação de formação continuada, professor de língua materna e estrangeira, do ensino fundamental e médio e mostra a impos-

sibilidade de conceber a modalização eficiência e eficácia, competência e performance, de demarcar territórios da teoria e da prática, já que não existe o conhecimento de um lado e a ação de outro. Uyeno evidencia que as relações (teoria-prática) marcadas por hífen mediadores, longe de apaziguarem, constituem marcas conturbad(or)as.

O último texto da obra, que integra a quarta parte, é de Martha Christina Zoni do Nascimento, que faz um estudo do conceito de avaliação emancipatória, a partir da análise do documento “Sistemática da avaliação”, da escola de Educação Popular Professor Paulo Freire, de Macapá / AM, pertencente à Secretaria Estadual de Educação. A autora mostra que o discurso da avaliação constitui-se como um regime de verdade, como um saber-poder, uma vez que circunda e é aceito pela comunidade e acaba, assim, por contribuir com a constituição identitária de alunos e de professores.

Objetivando a desconstrução da dicotomização teoria e prática, os textos reunidos nesta obra tecem e destecem o (dis)curso da LA no Brasil e no mundo. A obra é pertinente para a formação de professores, uma vez que discute a relação teoria e prática, as implicações da LA para a prática em sala de aula, para o ensino-aprendizagem e para a compreensão do sujeito. Vale trazeremos as palavras dos próprios organizadores do livro, ao finalizarem a introdução da obra.

Problematizando noções como modernidade, pós-modernidade, globalização, identidade, ciência e discurso na sala de aula (materna e estrangeira), a obra se insere em temas atuais, de ampla circulação, capazes de instigar profissionais da área da educação, lingüistas aplicados, professores de língua a re-significarem suas crenças e verdades ? para se re-significarem ?, no momento histórico privilegiado com o qual nos defrontamos e confrontamos, neste início de século, marcado pelo estilhaçamento de tudo e de todos, pela descrença no absoluto e imutável, pelo questionamento do centro em busca da valorização das margens.

Nesse sentido, podemos dizer que o livro provoca uma fenda nos discursos sobre / da / na Lingüística Aplicada e destina-se não apenas a educadores, lingüistas aplicados, professores e alunos, mas a todos aqueles que não temem questionar as verdades absolutas e as suas próprias crenças para (se) re-significarem.